

A frugalidade fortalece
o caráter tal como o exercício
fortalece o espírito

“Não Posso Fazer Essa Despesa”

Condensado de CHRISTIAN HERALD
EVAN HILL

NA PEQUENINA cidade em que fui criado, todos os alunos do colégio conheciam e gostavam de Win, o filho do banqueiro, adolescente como nós. E nós o invejávamos. Êle não parecia ter muito mais do que a maioria de nós, mas o que tinha parecia satisfazê-lo mais.

Numa tarde de sábado, na varanda dos fundos da casa dêle, conversávamos ali, alguns diplomandos, sobre a compra de carros usados.

—Quando é que você vai comprar o seu, Win?—perguntei-lhe.

—Não vou comprar—respondeu-me êle.—Não posso fazer essa despesa.

A princípio pensei que êle estivesse brincando. Mas êle falava sério. Fiquei embaraçado, por êle e pelo pai, que cavava tranqüilamente a terra num canteiro de flôres a pouca distância de nós. Eu não sabia que os negócios bancários não andavam bem. Por isso limitei-me a dizer:

—Ê pena!

O Sr. Purcell voltou-se para nós e sorriu.

—Acho bom explicar melhor—disse—para que não haja uma corrida ao banco. Quando Win diz que não podemos fazer essa despesa, êle não quer dizer que não dispomos do dinheiro suficiente para a compra de um carro usado. O que êle quer dizer é que há outras coisas mais necessárias para as quais devemos poupar êsse dinheiro.

Não me lembro mais do que poderia ter maior importância para um môço de 17 anos, naqueles idos de 1930, do que um automóvel usado, mas nunca mais esqueci as palavras cândidas, absolutamente sensatas, de Win: “Não posso fazer essa despesa.” Eu precisava delas então e tenho precisado delas muitas vêzes depois disso.

Os meus projetos de férias naquele ano incluíam três semanas de pescaria, mas a idéia me vinha pesando na consciência, porque eu ia entrar para a universidade e tinha mais

necessidade de estudar do que de pescar trutas irisadas. Eu justificara o passeio dizendo que por muitos anos não haveria de ter outra oportunidade de fazê-lo. Mas depois daquela tarde de sábado me convenci de que não podia fazer aquela despesa. Em vez de fazê-la, passei o verão trabalhando numa ruidosa fábrica de enlatados, à frente de uma máquina de rotular—e senti-me completamente feliz. Eu sabia que havia feito o que devia fazer.

“Não posso fazer essa despesa” é talvez a frase mais valiosa entre todas, em qualquer idioma. Todos nós—o mesmo se pode dizer de governantes e homens de negócio—muito lucraríamos se a disséssemos com mais freqüência. É como costuma dizer um amigo meu:

—Com ela evitamos que aconteça comermos galinha uma semana e as penas da galinha na semana seguinte.

Mas não é só êsse o benefício que ela nos presta. Ela nos ajuda a distinguir o que é apenas *querer extravagante* ou *desejo egoísta* da verdadeira *necessidade*. É a diferença é quase sempre compensadora.

Há alguns anos, quando as vendas de automóveis caíram muito, um vendedor conhecido meu teve a sua renda drásticamente reduzida. Outros teriam continuado a manter o padrão de vida a que estavam acostumados, lançando mão de empréstimos. Mas êsse homem não se envergonhou de dizer: “Não posso fazer essa despesa.” Ao filho e à filha

adolescentes êle informou que não poderia ir passar o verão onde tinham estado nos últimos quatro anos. Declarou que, em vez disso, a família passaria as férias em conjunto, passeando pelas montanhas, carregando às costas os víveres e os cobertores, pernóitando em abrigos modestos para excursionistas.

E, no inverno, pai e filho apreçaram o material necessário para a excursão, concluindo que era demasiado custoso, e passaram umas 10 noites trabalhando em casa para fazerem êles próprios aquilo de que a família precisaria para a excursão. A mãe e a filha planejaram um cardápio, em que entrou arroz, feijão, farinha de trigo e outros alimentos não deterioráveis e de pouco pêso, em lugar dos enlatados de alto preço. A família acabou divertindo-se só com a idéia de gastar o mínimo no passeio, partindo de que “não podiam fazer essa despesa”.

Em anos subseqüentes a família tem tido meios para dar-se ao luxo de hospedar-se em colônias de veraneio, mas as crianças têm dado preferência àquele sistema de férias econômicas.

—Creio que a nossa família nunca estêve tão unida—comentou comigo o seu chefe, há pouco tempo.—Aquêlê ano de maus negócios não nos ensinou apenas a poupar dinheiro. Fortaleceu-nos o caráter.

As palavras de Win deveriam fazer parte da educação de tôdas as crianças. A que nunca ouviu tais palavras e jamais foi compelida a su-

jeitar-se ao que elas traduzem, foi sem dúvida uma criança defraudada pelos próprios pais. Porque assim como o exercício fortalece o corpo, a frugalidade fortalece o espírito. Não sendo oportunamente disciplinado, o caráter se debilita.

Conheço dois rapazinhos simpáticos, mas voluntariosos, que jamais tiveram um desejo contrariado. Acompanho-lhes os passos desde quando usavam babadores, e, apesar de não serem filhos de pais ricos, creio que eles nunca tiveram uma vontade que os pais não satisfizessem. Os pais, que haviam sido colhidos pela crise que afligiu os Estados Unidos quando eles eram adolescentes, deliberaram que a seus filhos não haveria de faltar o que eles não tinham podido ter. Hoje Bob e Tom não só desconhecem por completo o valor do dinheiro—nunca tendo passado sem êle, nem tendo precisado ganhá-lo—como são demasiado ambiciosos e vivem descontentes.

Ao contrário, o filho de um pequeno sitiante que conheci muitas vezes se acabrunhava por não poder manter o padrão de vida de alguns dos seus colegas de famílias abastadas. Certa noite êle ouviu em silêncio o pai do seu amigo predileto, diretor de uma companhia, aconselhando seu pai a que o mandasse passar as férias de Natal esquiando na Suíça.

—O menino passará umas férias inesquecíveis—observou o diretor.

—Acredito—respondeu o pai do rapazinho.—Mas nós não podemos fazer essa despesa.

Seguiu-se um longo silêncio entre os dois homens e o jovem que lhes ouvira o diálogo. Até que o diretor estendeu súbitamente a mão ao seu interlocutor, dizendo:

—Nem eu, meu caro amigo.

E havia um tom de veracidade e respeito em suas palavras.

—Mas até êste momento nunca tive a coragem de admitir isso.

Mais tarde o filho do fazendeiro me contou que quase chorou, de puro orgulho do pai.

—Naquele momento foi para mim como se êle tivesse três metros de altura—comentou, admitindo também que nunca mais em tôda a sua vida se constrangera por não dispor de dinheiro.

A lição que lhe dera o pai o tornara capaz de encarar a si mesmo e os colegas com honestidade, sem recorrer a falsas aparências.

Mas essa frase sábia não se aplica apenas às questões de dinheiro. Quase tudo na vida está sujeito a um sistema rígido de prioridade e necessidade, que só se podem identificar se perguntarmos a nós mesmos: “Posso permitir-me isso?” Do travo agridoce que sempre fica das decisões de renúncias emergem a fortaleza de ânimo, o espírito compreensivo e o senso da realidade. E nêles está a base do verdadeiro contentamento.

